

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS
Anno 300
Com estampilha 360

GUIMARÃES
DOMINGO 20 DE JUNHO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA
Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

A ELOQUENCIA CONTRA A LISONJA



SABIDO que M. Fléchier foi um dos mais eloquentes oradores do pulpito francez. Igual a Bossuet? A varios respeitos muitos criticos o julgaram superior. Mas deixemos o parallelo e vamos a um traço do mais notavel de seus discursos, no qual o insigne orador cortou pela maior das difficuldades que se podem antepor ao estro oratorio de mais luminosos relampagos ou aos torneios do ingenho o mais feliz.

Fallecera o duque de Montausier, homem illustre e de abonados poderios, á sombra dos quaes se abrigára M. Fléchier. Sob este abrigo o joven fez-se homem, o homem fez-se padre, o padre investiu a prelatura e o prelado ganhou dourado e poderoso renome. Tudo quanto, emfim, podia e valia Fléchier devia-o ao duque de Montausier. E foi, finalmente, o filho querido da sua generosa dedicação o encarregado do seu elogio funebre!

Na cadeira da verdade e perante os despojos da morte estava o beneficiado Fléchier obrigado a dizer a verdade sobre a campa do seu bemfeitor, ainda aberta!

Haverá maior difficuldade para a eloquencia sagrada? Que o digam os que poderem experimental-a, se a não

quizerem julgar. Mas eis como o grande orador venceu a difficuldade, por meio d'uma tão engenhosa abominação da lisonja que a gratidão descobre infinitos horisontes para engrandecer o seu bemfeitor:

Era no exordio. No centro do vasto templo erguia-se o catafalco encimado pelos brazões ducaes e ardiam milhares de lumes em redór do cadaver do duque. Reina o silencio profundo que acompanha as anciosas expectativas e... o orador rompe o discurso, bradando:

«Não temais, senhores, que a lisonja da gratidão ou o transporte da saudade possam influir no animo do homem que é sacerdote do Deus vivo e que vae fallar a verdade á verdade. «Atrever-me-hia eu em semelhante conjunctura, em que a franqueza e a candura desvelam a nossa agradecida memoria, atrever-me-hia eu a exaltar o nome do illustre finado com presumpções ficções ou exageros desviados da verdade? Não, nunca!

«E não, e nunca, porque, do contrario estou eu bem certo que aquelle tumulo se abriria (e apontava o cinerario do duque), aquelles ossos se levantariam para que o morto me pudesse clamar com a magestosa accentuação da eterna verdade: — «Para que vens tu, lisongeiro, mentir sobre a campa de aquelle que nunca faltou á verdade? Não me queiras dar preito de honrarias que eu nunca reconheci senão aos verdadeiros merecimentos.

«Deixa-me descançar no seio da verdade eterna e não venhas perturbar a paz do sepulchro áquelle que sempre na vida abominou a lisonja. Não encubras as minhas faltas, nem depares em mim com o fundamento das minhas virtudes : louva tão somente a misericordia do Senhor que se dignou humilhar-me com os meus erros e se exaltou santificando-me com as minhas virtudes !»

Ha victoria mais feliz sobre a mais valente das difficuldades ?

Este lance do afamado orador é muito celebrado na historia da eloquencia sagrada da nação christã por excellencia; e tão celebrado, que tem servido de modelo a festejados mestres das demais nações, incluindo a portugueza.

Mattos Negrão

UM BOM SONHO

A UM MAU COMPANHEIRO DE QUARTO

Pois eu não sonho casos tão medonhos,
Umás coisas assim abominaveis;
Pelo contrario, coisas agradaveis.
Senão...escuta um caso dos meus sonhos.

Sonhei ouvir o Dia que assim clama :
—Eu quero entrar, ó Noite, abre-me a porta!—
E responder-lhe a Noite:—Que me importa?
Não me levanto agora, estou na cama.

F. Costa.

CHRONICA DE COIMBRA

DOGO pela manhã cedo, quando eu, depois de uma noite passada em sonhos de castellos derrocados... e bandos de pombas brancas fugindo em revoadas longinquoas pelo azul da minha phantazia... desenhava n'estas visões o quadro de um amor extincto, fui despertado abruptamente, querem saber por quem?... Por um pequerrucho todo esperto como um cupidito que dispara settas de amor ás escondi-

das, cheio de meiguices como uma creança de dous annos, inebriante de lyrismos como um romance de amor.

O ratão deu-me um pimparote nas pestanas dos olhos e berrou-me ao ouvido n'uma voz de soprano vibrante :

—*O Bijou pede-te uma chronica—*

O Bijou! disse eu, esfregando os olhos e titubiando entre o somno e o despertar da manhã. Levantei-me vagorosamente e vi que o tal *Bijou* é um jornal dedicado ás nobres damas vimaranenses, e que me disse com toda a *pose* de um *habitué* do Lusitano:

Eu tenho entrada desde o *boudoir* mais perfumado da mais illustre dama da *élite* vimaranense até ao açafate da costura da mais simples donzella.

Bravo! pois lá vae então uma chronica da Lusa Athenas.

Mas... ó pequerrucho, agora nada ha que contar senão d'estas *noites de ponto* tão massadoras! e das conquistas amorosas da Baixa, tão perigosas!

Em fim vá lá, mas... primeiro faça-se a respectiva apresentação:

Ex.^{mas} damas vimaranenses.

Eu não tenho quem me apresente a vossencias, nem envergo tão pouco o apurado «*frak*» e luva de gris-perle, monoculo e badine para apresentar-me. Aqui me tem minhas senhoras, de capa e batina, uma capa e uma batina já de cor indefinida, remendadas e rotas aqui e alem, habitual traço cá da terra n'esta vida de Estudante.

Quem julgarão vossencias que sou eu?

Parece-me que estou a ouvir dizer a uns labios muito delicados, d'um rosado esvaecido, abertos graciosamente como duas petalas de romã e engastados n'um rosto aguarellado da pallidez da lua onde brillam uns olhos verde-mar....

«O Sr. é um estudante de Coimbra e como tal é um bohemio, n'um conquistador, um volavel, um ingrato....»

Enganou-se minha senhora na sua segunda affirmativa; Sou, é verdade, um estudante de Coimbra, mas uma perfeita antithese de todos esses epithetos.

Muito paeato e passeio na rua d'olhos fitos no chão como um condemnado; apenas os levanto para fitar o rosto d'alguma Julietta que da janella me contemple.

Costumo frequentar os logares mais solitarios de Coimbra, o «Penedo da Meditação»—o «Penedo da Saudade»—a «Quinta das Lagrimas»—a «Lapa dos Esteios»—o «Choupal»—os saudosos campos do Mondego.

De verao tomo refrescos de brisas e banhos de luar; no outomno, lamento como Jeremias a queda das folhas e o emmurecher das flores, de inverno encerro-me no meu quarto, uma perfeita cella de monge cheia de livros e quadros romanticos e entao, quando chega a Primavera, exuberante de vida e encantos, vou de noite, sosinho e friste para a Estrada da Beira ouvir as serenatas dos rouxinoes vibradas em «duo» com as harmonias dolentes do Mondego.

Ahi n'esses logares, medito, e, empunhando a lyra de Lamartine, faço versos de lagrimas e saudades e escrevo epistolas de amor: e entao ai!

Que funda melancolia!
Que suspiros abafados,
Cada noite, cada dia!

*
**

Ora, como vossencias vêm, sou um perfeito Romeu da concepção de Schakspeare; um trovador mediaval dos que cantavam deliaixo do balcão da sua amada umas canções muito ternas, uns idyllios suspirosos feitos de pedaços de coração.

Resta-me saber agora se vossencias sympathisam connigo assim, ou se desejavam antes um chronista moderno, galanteador «bécarre», que usasse monoculo e bota de polimento; um bohemio sem preconceitos de estola, sem pieguices de sentimentalismo que lhes contasse do ultimo romance de Pariz, da ultima novidade da «Mode illustrée», da proxima «sensation» da opera, etc.

Como quizerem minhas senhoras. Se eu não sou digno de ser o chronista de Coimbra para vossencias, enviem á Redacção do «Bijou» um bilhete de escusa, que eu cederei a penna.

Se me aceitarem, lançar-lhes-hei de vez em quando no perfumado regaço uma chronica tecida das mais recentes novidades.

A chronica de hoje limita-se a apresentar-me a vossencias tendo por intermedio o «Bijou».

OILUARB SADLAC

Boletim elegante

Desde o dia 23 do corrente até ao dia 2 de julho proximo, fazem annos as ex.^{mas} snr.^{as}:

Dia 23—D. Josepha Benedicta de Azevedo Machado.

Dia 29—D. Emilia de Campos Silva Pereira.

Idem—D. Philomena Martins de Queiroz.

Idem—D. Maria das Dores Ferreira de Abreu.

Dia 30—D. Amelia da Conceição Costa.

Dia 2 de julho—D. Anna da Conceição Ribeiro.

UM BEIJO

EU conhecia logo. Havia já muito tempo que a não via; suppunha que ella seria levada para algum paiz d'amor, onde a primavera fosse eterna, onde a natureza se abrisse em urnas amorosas.

Tinha desaparecido. Debalde a procurei entre as sombras rumorosas da avenida e no meio das rosas do jardim.

E, todavia, apenas ella me fitou, o seu nome acudiu-me aos labios, como um perfume de jasmim respirado em eras mais ditosas, em tempos que já lá vão.

Ao passo que a contemplava, mais admirava a sua formosura.

Conservava o mesmo rosado das faces, a mesma candura no olhar e a mesma elegância nas formas—todos os encantos que eu lhe conheci em creança.

*
**

Eu fôra passar uns dias a sua casa que ficava no meio d'uma avenida onde nós vagueavamos e aspiravamos com sofreguidão o ar da tarde que nos refrescava a cabeça encandescida pelos raios solares.

No penultimo dia que lá me demorei fomos mais cedo brincar para a avenida.

Respiravamos os vagos aromas

das flores e admiravamos os rapidos vôos das avesinhas que corriam para os ninhos.

A branda aragem agitava docemente os cabellos pretos de Dulce, soltos pelas costas abaixo. Ella sorria com uma graça infinita, e em seus olhos rasgados havia uma expressão de scintillante doçura.

Descançamos n'um assento de pedra que estava lá ao fundo.

Na atmospherá perpassava uma frescura suave, o horizonte córava-se d'uma côr viva, e no azul balouçavam-se algumas nuvens.

Dulce deliciava-se com os trilos dos cantores alados. Eu sentia pungentes saudades por ter de abandonar no dia seguinte a minha companheira da infancia.

Ella comprehendeu a minha tristesa.

Mostrou que sentia vivamente a separação, mas animou-me, dizendo: «que em breve eu regressaria para com ella brincar pela avenida, colher rosas do jardim e caçar borboletas».

N'isto chamaram-n'os.

Sem saber como os nossos labios tocaram-se.

Nunca mais a vi, nem nunca mais com ella corri pela avenida, nem tornei á caça das mariposas.

Hontem encontrei-a, e lembrei-me saudosamente do beijo d'aquella creança.

Reconheceu-me tambem.

Por ventura recordar-se-ia Dulce d'aquelle beijo?—creio que não.

Eu nunca o olvidei.

Porto, 14=6=86.

A. Leão Martins.

Pená de Talião

Já tinhamos entrado todos para a escola, todos, desde o mais *petiz* ao mais *taludo*; até creio que ninguém, n'aquella tarde se lembrara de gazear, o que espantava n'um dia tão quente, tão apetitoso de ir aos grillos.

Estavamos todos, todos menos o sr. professor. Elle n'aquelle dia tardava, e a gente divertia-se a valer. Pois que? elle havia de andar por lá, sabe Deus por onde, a jogar a sua biscada, á fresca, com bons amigos patusecos, dispoitando cartadas e quartillos, e a gente que estivesse alli muito quieta, a estudar!... nada não podia ser.

Tambem aquillo era mal feito. Eram 4 horas e elle por lá, quando nos mais dias (em que elle não faltasse) se qualquer de nós ia depois das 2, era contar com a palmatoria no tope da escada. Negocio sabido: levava-se a *santa luzia* ao professor, recebia-se meia duzia de bolos e tornava-se a collocar a palmatoria de *sentinella*.

E elle que se divertisse, e a gente que estudasse... não! n'aquelle dia havia de pagal-as... Olho por olho, dente por dente. Estavam todos? não faltava ninguém?... palmatoria na escada!...

Panico geral... pois haviamos de pôr a palmatoria para esperar o sr. professor?

Sim, e então? era uma pandega, e, demais a mais, quem quer não tarda tanto.

Por fim a palmatoria foi collocada no pateo, e todos voltamos a discutir o caso em grande algazarra. Ninguém havia de dizer nada, nem quem lembrou, nem quem a levou para lá. Valeu! aquillo havia de ser uma patuscada. De repente uma voz guinchou:

—Lá vem o sr. professor!...

(Continua)

Sergio

EXPEDIENTE

Penhoradissimos para com todas as excellentissimas senhoras e snrs. a quem remettemos o nosso jornal e nos houraram com as suas assignaturas, enviamos-lhes d'aquí o nosso mais sincero agradecimento; assim como tambem nos confessamos summamente gratos a todas as senhoras e a alguns amigos que espontaneamente se dignaram angariar algumas assignaturas, e fazemos votos para que tão prestante obsequio nunca seja interrompido.

Typ de Guise

ni
rec
tre
hent
cusa.
E
fan la
mente s
Nm
quando a